

A SEMANA

CORTE

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

PROVINCIAS

Trimestre..... 2\$000
Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

Director—VALENTIM MAGALHÃES

Semestre..... 1\$000
Anno..... 8\$000

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO

NTMILHO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes. embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

SUMMARIO

EXPEDIENTE—Historia dos sete dias; José do Egypto—Gabaria jornalística (Ferreira de Araujo); Zéca—O mofineiro Laet—«O que eu não vejo», soneto; F. de Almeida—O padre-mestre Belmonte; Valentim Magalhães—Bolos; Chico Ferula—O Dr. L. Delfino e a poesia nacional; I. Murat—Coelho de Carvalho—«Anúncios»—«Valentim Magalhães»—Theatros—«Ardentias»; F. de Almeida—Ruy-Vaz, romance; Aluizio Azevedo—Canção do outomno, versos; Coelho de Carvalho—Bellas Artes—Gazetilha litteraria—Factos diversos—Consultas—Tratos à bola—Recebemos—Annuncios.

EXPEDIENTE

Terminando no fim d'este mez o prazo das assignaturas do 2º trimestre e do 1º semestre d' A SEMANA, rogamos desde já aos Srs. assignantes o obsequio de mandarem reformar as suas assignaturas, e aos que se acharem em atrazo o favor de mandarem saldar os seus debitos.

A SEMANA

Rio de Janeiro, 13 de Junho de 1885.

HISTORIA DOS SETE DIAS

* Calmaria pôtre. O Caspiosinho da nossa imprensa, depois da mais espumante que perigosa borrasca em que bramio e sollevantou-se na semana atrazada, serenou-se de todo, cahindo pesadamente em uma absoluta bonança de fadiga, bonança apenas interrompida por insignificantes indiscrições de reporters, pelo quasi-imperceptivel estalar de uma bala... de estalo, pelo discreto dos *Topicos do dia* ou pela voz troyante de algum raro artigo de fundo.

Escaravelho, o ignobil bichinho alapardado no trazeiro do *Pachiderme*, por mais bolas que enrôle e atire a direito e a torto, já não consegue levantar a espinharada do escandalo, nem mais encher de indignação o collo ás vagas do jornalismo.

Ora, quando a imprensa dorme é porque não ha mouros na costa, nem novidades na terra.

Percorramos, todavia, o canhenho semanal e recapitularemos *à la minute*,—com a rapidez com que o Roude improvisa marinhas e o Laet mofinas—os principais acontecimentos dos sete dias de

corridos entre o n. 23 e o n. 24 deste excellento periodico chamado *A Semana* (Travessa do Ouvidor, 36—Semestre 1\$. com direito á colleção completa).

Satisfeito por esta fórma o sacratissimo dever da *reclame...* da nossa casa, mãos á obra:

SABBADO, 6.—Adoecem repentinamente duas respeitaveis cidadãos portuguezes, ambos viscondes, estimalos ambos: —os Srs. Viscondes de S. Thago de Riba d'Ul e de Wildiek; aquelle gravemente, de uma congestão cerebral; este de uma indisposição, felizmente sem gravidade. Completo e prompto restabelecimento lhes desejamos *ex corde*.

DOMINGO, 7.—Ruy Barbosa (não lhe damos *conselho*, porque, como bem disse Joaquim Nabuco, este titulo já não distingue ninguém, e menos a este homem que aos outros Ruy Barbosa, na *matinée* abolicionista realisada pela *Confederação* no Polytheama, em homenagem ao gabinete 6 de junho, pelo seu primeiro anniversario, pronuncia um discurso notabilissimo, que será publicado em folheto e lido por certo com avidéz.

— Aparece o 1º numero do *Diario de Noticias*, filho posthumo (deixem passar a expressão!) do *Brazil* e da *Folha Nova*. E' recebido com agrado, que, por ser geral não deixa de ser muito *especial*, embora tambem com certa desconfiança. E' que todos conhecem o celebre proverbio latino: *Talis pater qualis filius...* e o portuguez: *De máu tronco, máu galho*. Esperamos que saberá o *Diario* desmentir os proverbios que lhe agourentam o porvir; e aconselhamos-lhe mais uma vez que em nada se pareça com sens paes, para que, como elles, não fique tambem no *Já será!*

E, a proposito, lembramos-lhe que já deixou escapulir um *Consa!* e um *Ora se...*

Não desenterte o *Diario* a gyrta fatidica e chula da fallecida—*mamá...* Cuidado!

SEGUNDA-FEIRA, 8.—E' eleito deputado geral pelo 5º districto de Pernambuco o chefe do abolicionismo brasileiro, Dr. Joaquim Nabuco, o qual, graças á patriótica desistencia dos candidatos Drs. Ernirio Coitinho e Melio Cavalcanti, acaba de responder, de maneira brillantissima ao terceiro eserutinio da Camara, que lhe rasgou o seu legitimo diploma de representante do 1º districto de Pernambuco. De todas as partes chovem telegrammas, cartas, mensagens congratulatorias e felicitações.

TERÇA-FEIRA, 9.—0.

QUARTA-FEIRA, 10.—Idem.

QUINTA-FEIRA, 11.—20º anniversario do primeiro feito naval da America do Sul—o gloriosissimo combate de Riachuelo. Para commemorar-o, houve brillante festa a bordo do couraçado *Riachuelo* e, reunidos sob a presidencia do

Sr. almirante Barão da Passagem, os poucos officiaes da nossa armada que tomaram parte no glorioso combate, fundaram uma associação beneficente para commemorar aquelle facto inolvidavel, estabelecendo pensões para viúvas pobres de officiaes, a começar pela destinada á viúva do Dr. Soares Pinto, que por occasião d'esse combate, era cirurgião a bordo da canhoneira *Araguary*.

— *A Semana* publica o seu primeiro supplemento, especialmente destinado a tratar da lamentavel loucura de um estimavel moço, pertencente a uma distincta familia d'esta Corte; loucura causada pelo *fanatismo positivista* que consorcio estupendo de palavras! Obra do Centro da Travessa. Para mais lato conhecimento do triste caso ver o nosso supplemento.

SEXTA-FEIRA, 12.—Joaquim Nabuco, satisfazendo sollicitações de amigos e correligionarios, parte para Pernambuco, a receber o seu diploma de representante do 5º districto d'aquella provincia. Acompanha-o, representando a *Gazeta de Noticias*, o distincto escriptor Sr. Luiz de Andrade.

Consta-nos que se prepara ruidosa e festiva recepção ao denodado abolicionista, cuja divisa bem pôde ser considerada a mesma da illustre tragica franceza:—*Quand même!*

— Fallece o Sr. Visconde de Riba d'Ul, ás 11 horas da manha. Contava 18 annos de idade. Era director do Banco Rural e Hypothecario.

E aqui faço ponto, porque estou sentindo vivissimo desejo de ir á Camara ver a cara com que está o Sr. Andrade Figueira. E, para aproveitar a caminhada, contemplarei tambem o nariz do Sr. Portella, o bigodinho do Sinibússinho, e as orelhas dos Srs. Mac-Dowel, Zé Pompeu e Diogo de Vaz-Com-Sella.

Que nariz e que bigode! Mas, principalmente, que orelhas, oh Baridan, que orelhas!

O que lhes vale é que Victor Hugo, prevendo-as, compadecido d'ellas, concedeu que ellas, por fim, tivessem razão, na sombra:

« *Les oreilles de l'ane auront raison dans l'ombre.* »

Rejubilem o Zé, mais o Dowel e mais o Vaz-Com-Sella.

Felizados! sempre conseguiram uma citaçãosinha de Victor Hugo!...

JOSÉ DO EGYPTO.

L'ane, pag. 159.

Nas salas ha quatro especies de individuos: os namorados, os ambiciosos, os observadores e os imbecis.

Os mais felizes são os imbecis.

H. FAINE.

GALERIA JORNALISTICA

III

FERREIRA DE ARAUJO

Se este homem não é o que se chama um feliz, então desconheço que sorte de ingredientes devem compor a felicidade.

Co-proprietario e redactor-chefe da folha de maior circulação do Brazil, moço, dotado de bom senso pratico e de indole moderada, bemquisto, cortejado, adulado, talentoso, isento da tarantula de ambições politicas, abundante em nickels, amante das bellas cousas e das cousas boas — o Dr. Ferreira de Araujo parece navegar serenamente sobre o mar tempestuoso da vida, derivando sorrateiramente por entre os arrecifes e bordejando a cata de ventos propicios, tendo por bussola o seu commum e por leme o bom humor.

Digo parece, porquanto a ventura n'este peçao de mundo velho que habitamos é qual delicada sensitiva, que murcia ao mais leve contacto de corpo estranho!

Quem sabelá se o homem não tem no dedo minimo de um pé algum callo irreductivel e intransigente, o qual sempre venha turbar a doce beatitude de su'alma?

Machado de Assis mostrou algures que muita vez a felicidade está em um par de botas.

Pode-se tambem provar que ontras vezes a desgraça provém de um bom callo.

Quem sabelá se em seu abdomen e partes circumjacentes não existe algum excesso de banhas, esta cousa atroz, medonha, horrorosa, chamada tecido adiposo,—monstro gorduroso que anniquilla as illusoes, compromette a plastica, materialisa o amor, embota a imaginação, gera o tedio, amorteece os nervos, produz o egoismo, transforma D. Quixote em Sancho Pança e faz suppor que o homem descende, não do macaco, mas do porco?

Todos concordam em achal-o lhano, affavel, benevolente e despresumido. Demasiadamente, talvez. Aquella inalteravel egualdade de humor e de amenidade no trato para com todos que se lhe approximam, sejam amigos ou estranhos, bons ou máus, intelligentes ou nescios, deixa transparecer sob a sua apparente bonhomia certa doze de indifferença diluida em doce pessimismo e amavel misanthropia.

A serenidade é predicado valioso para o jornalista; mas não assim a complacencia e longanimidade systematicas, que acabam por amollecera a energia, destruir a resolução e a franqueza.

Dulciter in modo, fortiter in re.

Como escriptor, Ferreira de Araujo notabilisou-se com as suas *Cousas Politicas e Balas de estalo*, conquistando reputação solida e brilhante. Estylo bon enfant, sobrio de imagens e limitado no vocabulario, mas agradável, bem equilibrado e sobretudo afinado pelo diapazão dos leitores. Deita artigo de fundo com a familiaridade do burguez de paletot branco e chinellas de tapete, a discretar depois do jantar. Tem golpe de vista prompto e criterio seguro para apreciar homens e factos da politica militante. Raras vezes remonta-se a considerações transcendentaes, e a sua prosa não deixa de rogar de vez em quando pela banalidade... Mas como évital-a na tal litteratura politica, esta cousa chata e chilra á força de ser cultivada por toda casta de plumitivos? N'este genero, se genero existe, é impossivel mostrar originalidade. O artigo politico é a «mãe Joana» da litteratura.

Prefiro-o nas *balas de estalo*. Ahi vê-se a sua nota pessoal, que é o chiste e o bom humor. Engenhoso em desco-

brir o lado comico dos assumptos do dia, põe-nos em relevo usando de um processo muito simples, e por isso mesmo muito difficil: applica com muito a proposito e graça certos ditos e facecias vulgarissimas, d'estas que ouvimos a todos os instantes da bocca do Zé-povinho.

O effeito é seguro, e as suas *balas* tornaram-se em pelourinho de um ridiculo macio e deshechado, mas nem por isso menos temivel.

Quem ha no Rio de Janeiro que ao vêr passar o illustre Sr. commendador Malvino Reis, não murmure entre dentes:

— « *Aquelle commendado Malvino é um marvado! Elle finge se bom home, mas é por cáculo!* »

Je pouvais encore écrire certaines petites choses sur Mr. Araujo, mais je n'ai pas d'espace plus. Dizent qu'il est un bon patron et qu'il goûte de soupe macaroni. Il est passionné pour Paris et son esprit est parisien de la jaune d'œuf. Aussi il a une eau-de-vie spéciale pour ce qu'on appelle en jargon brésilien — grandes poissons de jupe. Ses haines principales sont pour Mr. Hudson, appelé la Muse du Povo, pour la *Feuille Neuve* de Mr. Emmanuel Mouton, a laquelle il dirige tous les à jours des grâces pesées et des colibets qui font arracher cuir et cheveux. On dit qu'il touche bien piano, mais quand on lui prie ça il reste damné.

En somme, tirant tout ce qui ne prête pas, il est beaucoup bon.

ZECA

O moineiro Lact

Completando a rectificação que demos, sob este titulo, em nosso supplemento de quinta-feira, faz o Sr. Dr. Rozendo Moniz a seguinte declaração no *Paiz* e no *Jornal do Commercio*:

« A REDACÇÃO DA SEMANA

E' a pura verdade o rectificado n'esso periodico litterario, em supplemento de hoje e sob o titulo *Declarações*.

Cumpro um dever de reconhecimento e lealdade, respondendo aos cavalheiros que appellam para o meu testemunho.

Rio, 11 de Junho de 1885.

ROZENDO MONIZ. »

Agradecemos ao nosso illustrado confrade a presteza e a cortezia com que confirmou o que em defeza de nosso cavalheirismo allegámos.

O que eu não vejo

Por o todo tambem se toma a parte.

CAMÕES

Por os pequenos fios de cabelo
Que me enviaste, minha doce amada,
Eu reconstruo a imagem desejada
D'esse teu corpo deslumbrante e bello:

Por elles vejo a cabelleira ondeada,
De cor mais negra que o meu proprio zelo;
E o venusino rosto estou a velo:
Céo com dois sóes de luz esbrascada:

Vejo-te o collo, que espantou de alvura
A neve e as brancas rasantos do Japão.
Vejo-te o seio e vejo-te a cintura;

Poema em cinco versos—a tua mão
Vejo; vejo-te o corpo em toda altura...
Só te não posso ver o coração:

Margô, 5 de 85.

FILINTO D' ALMEIDA

O PADRE-MESTRE BELMONTE

(RECORDAÇÕES DA INFANCIA)

Fui tambem seu dicipulo e seu amigo
A sua morte veio despertar no meu coração um bando de saudades e recordações da infancia, que alli dormiam tranquillias o fundo somno do esquecimento.

E ellas, como passarinhos aninhados que um raio desperta e assusta, ergueram o voo, agitadas, tremulas, batendo as azas pelos céus nevoentos do Passado.

E á ephemera luz d'essa momentanea resurreição revejo a minha infancia inteira... já tão afastada, tão longe! não pelo distanciar dos annos, agruras e desillusões d'esta vida de grande, pela qual a gente suspira tanto quando é criança.

— Quem me dera ser grande... Ah! se eu fosse grande! exclamamos então, esticando-nos sobre as pontas dos pés, amaldiçoando com um gesto raivoso aquella vida horrivel, insupportavel de criança.

Annos mais tarde, quantas e quão profundas saudades d'essa deliciosa quadra... *insupportavel!*

Por um momento vejo-me a ella transportado, e então, apparece-me, dominando entre as demais figuras que influiram sobre os primeiros tempos da minha vida, a figura sympathica e respeitavel do padre-mestre Belmonte, e a doce luz melancholica da saudade, como um luar suavissimo, illumina-a toda...

Eil-o que se adeanta pela aula, por entre as filas paralelas dos bancos, com o seu passo pausado, fazendo ringir as grossas botas reluzentes nas taboas brunidas do soalho. Os rapazes, que este ruido familiar avisava de longe, mergulhavam apressuradamente os olhos nos livros abertos, simulando uma applicação ao estudo realmente... feroz.

E o padre-mestre,—abotoado na sna ampla sobre-casaca, com a sua bella cabeça vigorosa, engastada no collarinho alto e claro, os cabellos longos, levemente ondeados de fios de prata, cahindo-lhe sobre os hombros, os olhos grandes e bondosos, luzindo atravez dos oculos de ouro, as mãos atraz das costas,—passava, fiscalizando o estudo dos seus alumnos, affagando com a larga mão aberta as cabeças dos pequenitos, sacudindo com um um ligeiro piparote as orelhas de um preguiçoso, attendendo sollicitamente ao pedido de explicação de um menino e dando-lh'a com a sua voz sonora e authoritaria, apanhando um descui lado em flagrante delicto de boneco de papel ou de romance aberto, mal escondido sob um compendio...

Quando se approximava do meu banco, apenas me distinguia entre os outros pequenos, vinha dizendo a meia voz, com um sorriso paternal:

— *Valentinus, valentini...* e, batendo-me com a palma da mão sobre a cabeça:

—... *valentini!*...

Um dia, na aula de latim, deu-me dois bolos...

Não sei que contrariedade lhe havia agastado o espirito; o certo é que entrou para a aula com uma das mãos passada atraz das costas, o sobrolho carregado, a cabeça mais enterrada sobre o peito do que de costume...

Signaes evidentes de que trazia consigo um vivo desejo de dar bolos e... a palmatoria.

Entrou, sentou-se, gritou:

— Cheguem-se cá, fiquem em volta da mesa.

Nós obedecemos, a tremer.

— Vá; comece Você.

O primeiro da roda começou, mas com tal caiporismo que disparou logo uma syllabada hedionda.

— O quê, seu valio, o quê!? bradou o padre-mestre, enrubecendo. Adeante! Você!

O outro alumno emendou a asneira com outra um pouco maior.

— Adeante!

O terceiro—moita!

— Adeante!

O quarto—nova tolice.

Por fim chegou a minha vez; fallei por ultimo e tão bem como os outros, verdade seja.

— *Bène, bène!*... bradou o padre-mestre; e, como por encanto, a palmatoria « sobre nossas cabeças apparece. »

E dentro de dois minutos a milagrosa *Santa Luzia* havia—nos estalado nas mãos dois beijos para cada um—beijos um pouco mais vivos do que fora para desejar.

Como se realisou aquella distribuição fantastica de beijos... de pau, não o posso explicar. A verdade é que eu, quando ainda julgava ter acertado na leitura da amaldiçoada palavra, já tinha *chuchado* a minha dose.

Posso agora, todavia, confessar e confesso-o muito á puridade—que me pareceu que o lucifero instrumento, quando desceu ás palmas das minhas mãos vinha com as forças um tanto quebradas, como se o punho que a manejava houvesse cansado.

E nesse instante pareceu-me tambem que não era a passageira cólera correctiva o que brilhava nos grandes olhos humidos do padre-mestre...

Outra vez,—mas d'esta escapei eu,—fôra apprehendida uma formidável quantidade de papezinhos com quadras escriptas, a proposito das ferias que vinham proximas e sobre os directores e professores do collegio; d'aquelle collegio S. Francisco de Paula, o do Largo do Rocio.

O poeta a quem principalmente se devia aquella obra satânica de versos maus era—eu.

As quadrinhas eram em geral innocentes; apenas umas beliscadellas rimadas no padre Christo—um diabo de padre Christo, alto, magro, perfido, que era socio do padre-mestre na propriedade e direcção do collegio,—um desculpavel desaffogo da Musa, que se vingava do Christo que a torturava com palmatoadas e piparotes—desfechando-lhe á coroa percucientes rimas aceradas, nem sempre louvaveis como obra de arte.

Descoberto o mortifero fornecimento das quadrinhas, não faltou delator que me apontasse á crueldade das penas collegiaes.

Uma das quadrinhas capturadas dizia que o tal Christo era o diabo; outra rimava Belmonte com ponte, se bem me lembro.

O reverendo Christo quiz logo encher-me as mãos de palmatoadas; mas o padre mestre oppoz-se formalmente, convictamente. « Que eu não era capaz d'aquelle patifaria. » E não apanhei.

O conego Belmonte foi-me sempre conselheiro excellente, preceptor escrupuloso e severo, mais do que mestre, quasi pae.

Faz-me bem, hoje, em meio da tempestuada existencia que levo, evocar sob o luar da saudade, a sua veneranda figura, bondosa e calma, anstéra e amiga.

Consola-me e retempêra-me o animo ferido e fatigado essa visão tão cara ao meu coração. Ella é para mim como o symbolo de toda a minha infancia.

Eis porque venero e abenço a memoria do conego Belmonte, o « padre-mestre ».

Junho—1885.

VALENIM MAGALHÃES

BOLOS

Está tudo morto!

Esta secção, que tem andado ha cinco semanas embetsegada no silencio, apparece hoje de novo na praça do commercio das letras para salabordiar um pouco com os amáveis (sempre amáveis!) leitores, acerca de cousas infelizmente tristes.

Se não fosse o medo de confundir o luto com a troça, esta columna estaria agora tarjada de negro, tendo no alto as trez lagrimas symbolicas da dor typographada.

Está tudo morto!

Morreu a *Folha Nova!*... morreu o *Brazil!*... morreu o *Quidam!*...

Tres personagens distintos e uma só tolice verdadeira. Não é que nós queiramos tripudiar barbaramente sobre o sepulchro mal-cerrado da *Talcousimanaorasejasebécocomparaste*, não é; porque o Mestre disse:

« O n'insultez jamais une femme qui tombe, e parece que o disse de proposito para que a gente o pudesse repetir aos manes—ou ás manas—da *Folha Nova!* não é tambem porque não lamentemos a desgraça que atufou o *Brazil* na sembla eterna do Nada, e que atirou de caugalias a alma ingenua e encantadoramente tola do assis *Quidam!* não é por nada d'isso que deitaremos luto. Se tarjássemos de preto esta columna, seria pela morte da nossa Alegria, a nossa boa Alegria—que se foi com elles para todo o sempre!

Agora so nos resta o pungir da tristeza perenne, e o arranhar da perpetua melancholia (leia-se *melancolia*, para maior dor.)

Em vez de alma encontramos agora um salario no interior, e o gosto amargo de infelizes, de que falla o poeta, cá amla a ror-nos o peito.

Tudo no mundo fenece, dizia um philosopho. E é verdade! Tudo no mundo fenece! Até os tolos!

Ah! pae tyranno! progenitor—Galvão! que nos privas cobardemente, aproveitando-te do teu ascendente sobre o infeliz e intrepido mancebo, d'aquellas artes e d'aquellas manhas que so elle em toda a redondeza sabia guizar, com aquella adoravel e candida parvoíce que Deos lhe deu e tu lhe ensinaste!

Mas fica certo, crocodillo, que a rudeza do golpe não conseguiu abater-nos o animo. *Quidam!* é insubstituível assim como a *Folha Nova*, mas a raça dos enxovados e dos cacographos ainda não se extinguiu. Estamos em plena succursalla Parvonia, e, se nos morreu a Alegria, conservamos sempre vivida a Esperança.

E agora, que tambem temos janellas para a rua do Ouvidor, é só chegar-mos a uma d'ellas e gritar:

— Tolice para um!

CHICO FÉRULA.

Dize-me o que comes; dir-te-hei quem és.

BRILLAT-SAVARIN.

O Dr. Luiz Delino e a poesia nacional

Vide os ns. 14, 20 e 22 da *Semana*.

Valentim Magalhães no ultimo numero d'a *Semana*, refutou brilhantemente o critico de curtas vistas do *Diario Liberal*—mostrando que nem mesmo no terreno escolhido por S.S. para melhor exercer a gymnastica da pequena critica, conseguiria derrubar o poeta que mais tarde a sua patria halle fazer justiça.

Não ficou de pé nem uma só das objecções do *Diario*. Tudo desmoronou-se e sem grande esforço do adversario.

Porém, antes de entrar na discussão da *Solemnia Verba* é preciso que eu diga, de passagem, qual deverá ser a attitude da critica em frente de uma obra de arte qualquer.

Sem querer prolongar o meu raciocinio, tomando por ponto de partida a philosophia moderna para d'ahi deduzir o papel da critica contemporanea, eu me limito a fazer uma transcripção de uma obra que me parece ser conhecida por todos quantos se dedicam ás letras n'este paiz.

Essa obra é de Emilio Zola; creio que os criticos conhecem-na.

Está tão vulgarisada que acredito não citar nenhuma novidade.

Diz este escriptor nos — *Documents litteraires*, no capitulo: — *La Critique Contemporaine*:

« O papel da critica, em uma litteratura tem, portanto, uma importancia capital. »

« Certamente, eu não creio em sua influencia mais ou menos directa sobre o nivel litterario. »

« Nós não estamos mais no tempo em que a critica lembrava aos escriptores os generos e as regras e distribuía bolos como um professor de alfabé. »

« Ella não se dá mais a missão pedagogica de corrigir, de assignalar faltas como se faz ás alumnas, de emporellhar as obras primas com annotações de grammatico e de rhetorico. A critica, alargou-se, tornou-se um estudo anatomico dos escriptores e das suas obras. Ella toma um homem, ella toma um livro, dissecar-o, esforça-se por mostrar como este homem produziu este livro, contenta-se de explicar e lavrar um processo verbal. »

« O temperamento do auctor é esqua trilhado, as circumstancias e os meios em que elle trabalhou são estabelecidos, a obra apparece como um producto inevitavel, bom ou máo, de que se trata unicamente de demonstrar a razão de ser. »

« Toda a operacão critica limita-se assim a constatar um facto, desde a causa que o produziu até ás consequencias que produzirá. »

« Sem duvida, um equal trabalho contém nma lição e vendo-se em um espelho tão fiel, um escriptor pode reflectir, conhecer suas fraquezas e procurar occultal-as o mais possivel. Sómente a lição vem do alto, sahe da propria verdade do retrato e não é mais o ensinamento, grave de um professor. »

A critica é philosophica, é scientifica, é logica.

Se esta, em vez de apanhar o escriptor, estudal-o, penetrar em todas os ambitos da sua organisação, tomar o seu pensamento—dissecal-o, o seu temperamento, trazel-o á luz—corrigil-o das suas faltas, salientando as suas qualidades, emparedar-se nos antigos processos da critica empyrica e pantomineira, é que ella não comprehende o seu papel, não está á altura do criterio scientifico d'este seculo.

Não transcrevo o primeiro periodo d'este estudo por não me parecer necessario.

Todas as sinuosidades do pensamento humano devem estar hoje varridas das antigas preocupações, das sedicões e empoeiradas banalidades, com que a velha critica dos tempos metaphysicos saturava as obras primas que appareciam para solidificar a orientação artistica do seu tempo e desconjunctar osapparelhos convencionaes e facticios dos rhetoricos e dos grammaticos.

Feito isto, entro em assumpto. Começarei discutindo se na *Solemnia Verba* existe ou não concepção.

Para isto basta o seu proprio assumpto.

A concepção é, sem duvida alguma, o elemento fundamental, o germen de toda a obra de arte.

Podia, se quizesse, alongar a discussão sobre este ponto, isto é, demonstrar que muita gente erra na apreciação que faz sobre esse poder especialissimo da intelligencia humana.

Demonstralo-ei se atanto for obrigado mas neste momento limitar-me-ei apenas a constatar factos sem aprofundarme na analyse dos elementos que constituem a concepção artistica ou scientifica de qualquer trabalho.

A *Solemnia Verba* é precisamente uma resultante do talento do seu auctor applicado a um facto de alta importancia, facto que por si só daria ao Dr. Luiz Delfino uma das suas mais bellas produções poeticas, porque é a representação de dois factores directos, de duas correntes que se desenvolvem em sentido contrario, uma retrogradando para o passado, outra avançando para o futuro:—o povo e o rei.

Uma representando o desequilibrio na ordem social, restringindo a orbita da actividade humana, para garantir-se, para fixar-se; illudindo, usurpando, cercando o direito, decapitando a liberdade; a outra, escavando todas as origens do progresso, protestando, reagindo contra a invasão da força na esphera do direito, proclamando a virtude, nivelando os homens, contribuindo para o alevantamento do espirito politico das nacionalidades modernas, ambas distinctas, convenientemente distanciadas, porque são inconciliaveis, algumas vezes impellidas pela multiplicação de effeitos que causas aparentemente desconhecidas produzem silenciosamente nos seus laboratorios inacessiveis, quasi sempre, a inspecção intellectual do homem, chocam-se, emaranham-se, tendo como consequencia ou a procrastinação das liberdades publicas, o direito submettido pela força, o privilegio pela egualdade, a ficção pelo facto, a voz popular unguida de sacrificios, de abnegação e de luctas, pela força empyrica da politica tradicional dos chefes; ou então desaparecem a violencia e a injustiça para serem substituidas pela justiça e pela egualdade; a autoridade ligada á marcha evolutiva das idéas, desde os primeiros rudimentos das civilisações historicas, é substituida de prompto, como diz um notavel escriptor, pela simples comprehensão do fim social, e as tradições egoistas das familias dynasticas, pelas tradições do trabalho, pela communhão geral das idéas, pela veneração dos grandes homens, pela expansão do individuo no amor da patria e da humanidade.

Uma, produz para garantir-se, para evitar o conflicto permanente, a lei draconiana de Bismarck; a outra proclama a inviolabilidade dos principios da Declaração dos direitos; a fraternidade, a santa egualdade, a dorura das maximas republicanas, o *res sacra miser*, como as chamava Camillo Desmoulins.

Eis ali está a fonte do onde se originou a bella concepção de Luiz Delfino,

consubstanciada em oitenta sextilhas, que valem um poema.

Sim. O paiz que não tem ainda a energia dos grandes principios para revoltar-se contra o covarde que o trahio, que lhe roubou a liberdade, bem merece o estyga que o poeta brasileiro ligou ao pavilhão glorioso da sua historia militar.

Patria de Riego e Castellar, suspensa
Tens em tua frente o estyga profundo
De tua feia ingratição immensa...
Com dó, misera Hespanha, olha-te o mundo,
E n'esse teu fatal ultimo arquejo,
Eu, estrangeiro, olho-te com pejo.

Porque os criticos não entram no estudo do temperamento, da natureza psychologica do poeta, das causas que determinaram esse trabalho de largo folego? Porque não o discutem segundo um outro ponto de vista? Porque não traçam a marcha que tem seguido a poesia moderna, para d'ahi verificarem se a *Solemnia Verba* está ou não fora dos moldes que o desenvolvimento do espirito prescreveu tanto ás artes como ás sciencias?

Porque exhumar a velha critica de professor de aldeia, como lhe chama Zola, para condemnar ou absolver uma obra qualquer?

Não é assim que se fala ao publico; não é assim que se discute.

A missão da critica é mais elevada, é mais complexa, é mais definida.

Pensarão acaso os adversarios do Dr. Luiz Delfino, que nós nada tínhamos com o movimento politico da Hespanha, quando subio ao throno Affonso XII?

Como? A historia pertence a nós todos. O nosso fim é nos esforcarmos para tornar a humanidade feliz, e só a historia pode fornecer-nos elementos para chegarmos a este resultado.

Ao poeta moderno compete fornecer á excitabilidade do homem estímulos tão poderosos que se tornem uma realidade as vagas formas do ideal que fluctua em seu pensamento.

Que coração não se sentiria verdadeiramente revoltado se lesse em inspiradas estrophes o supplicio medonho de Philippe e de Gauthier de Launoi, saerificados pela sanguinosa sanha dos tres herdeiros de Philippe o Bello, tyranno e moedeiro falso?

Quem ao chegar ao fim de cada estrophe não repetiria o estribilho patriotico dos jovens spartanos: *Eu não serei mais escravo?*

Cada estrophe da *Solemnia Verba* como que repercute o brado de milhares de apostrophes, o rugido de um milhão de almas que se ouvem ainda gemer na Historia como o rebate que annuncia o epilogo d'esse drama que começou com o primeiro rei e que só acabará com o ultimo.

A *Solemnia Verba* não é senão o brado de indignação de um homem de genio contra o procedimento de um povo sem dignidade.

A idéa generosa que predominou no espirito de Luiz Delfino quando escreveu a *Solemnia Verba*, foi aquella mesma que predominou no de Hugo quando lançou ao mundo estes dous grandes versos, que por si só resumem toda uma patria, todo um cyclo de injustiças e de violencias:

Et que, lorsqu'on aura mis le tyran à bas,
Et là loi sur le thrône, il sera temps de rire.

E não tem concepção a *Solemnia Verba*?

E acham pouco um homem sentir por todo um povo, um coração chorar por tantos corações, uma bocca lançar aos quatro ventos a apostrophe que espumava em tantas bocas e que nenhuma tinhatido ainda valor de arremessar

como um grito de revolta contra o covarde que extorquia o direito de uma nação, e o mais sagrado, como o de ser livre!

No meu proximo artigo terminarei as considerações sobre o Dr. Luiz Delfino, esforcando-me por synthetisar todos os argumentos que me pareçam imprescindiveis para chegar á demonstração definitiva da these que me propuz discutir.

LUIZ MURAT.

Coelho de Carvalho

Os delicados versos que, com o titulo de *Canção do outomno*, publicamos hoje, assignados por Coelho de Carvalho—devemol-os á bondade do distincto escriptor portuguez Monteiro Ramalho, que nol'os enviou de Lisboa, e fazem parte do volume de *Versos*, prestes a sahir á luz naquella cidade. Coelho de Carvalho foi contemporaneo de Crespo, Junqueiro e Eça de Queiroz na Universidade de Coimbra. Depois de haver desempenhado varios cargos officiaes, é hoje consul de Portugal em Schanghai.

E' um poeta de futuro.

D'elle temos ainda outras poesias ineditas, que publicaremos depois.

«AURORAS»

«Temos entre mãos o mimoso volume de versos do Sr. Alfredo de Souza, que, não ha muito tempo, mimoseára os leitores d'esta folha com um punhado de miniaturas delicadas, embebidas de uma cõr suave, que na presente collecção resaltam á nossa vista, com o titulo de *Paysagens*.

Manuseámos rapidamente as *Auroras*, e vimos de prompto que o Sr. Alfredo de Souza é um operoso cultivador da forma, um joalheiro *exquis* de pequenos *bijoux*, um feliz caçador de boas rimas, um parnasiano, emfim.

Para um verdadeiro poeta requisitamos tres elementos essenciaes—boa forma, inspiração e originalidade.

O Sr. Alfredo de Souza, com este seu livro de estreia, promette, inegavelmente, vir a ser um dos mais dignos representantes do moderno Parnaso brasileiro; mas com isso não queremos dizer que o poeta das *Auroras* possua esses tres elementos acima apontados.

Boa forma o nosso poeta a possui; escasseiam-lhe, porém, ás vezes, inspiração e originalidade, tomadas estas palavras na sua mais rigorosa expressão.

Como livro de estreia, as *Auroras* promettem dias esplendidos.

As *Ondas*, *Venturas*, *Paysagens*, *Do alto*, podem ser julgadas as melhores poesias do livro, não obstante esta ultima manquejar com este verso:

É como um cingulo argenteo que rutila..

De resto, Alfredo de Souza é, sem contestação, um dos bons poetas da modernissima geração litteraria do Brazil.

Agradeemos, penhorados, a offerta do elegante volume. »

Povo, ama o teu rei; burro, adora o teu chicote!

V. Hugo.

Valentim Magalhães

Lê-se no *Diário Mercantil*, de 7 do corrente:

« Como os leitores já sabem, Valentim Magalhães, o vigoroso e scintillante escriptor das *Notas á margem*, desligou-se da *Gazeta de Notícias*. A propósito d'este facto, escreve um chronista illuminense:

« Nenhum escriptor d'este paiz tem vida mais pura e mais limpa ou caracter mais inteiriço e digno. A sua retirada da *Gazeta* foi ainda um acto de delicada susceptibilidade, muito para louvar neste tempo de transacções e de conveniências, embora em boa moral não passe do mais comedido e mais restricto dever de todo o homem que se prese e tenha a guardar um nome aureolado pela estima e pela admiração publica.

Perdeu a *Gazeta* e ganhou a *Semana*, a que agora se vai dedicar inteiramente a grande actividade de Valentim Magalhães. »

THEATROS

«O REI DOS SELVAGENS»

Creemos que este drama foi extrahido do conhecidissimo romance de Fenimore Cooper—*O Derradeiro Mohicano*.

Afirmaram-nos, no entanto, haver elle sido arranjado pelo habil actor Moniz de um romance de Montépin, sem, contudo, me dizerem o titulo d'elle. É possível que o drama fosse, de facto, extrahido de um romance de Montépin e o romance de Montépin do romance de Cooper.

Fosse emfim como fosse, o certo é que se arranjou um drama *topetudo*, legitimo descendente da velha raça dos dramas «espanta-burguez». *O rei dos selvagens* é um fricandô dramático, habilmente preparado pela culinaria theatral do Moniz com europeus, indios furios, goatças, pagés, idolos, selvagens papagentes, um terror dos bosques, (no romance do Cooper este sujeito tem o nome de *Olho de falcão*) marinheiros, bailarinas, jararacas, colonos e mil outros ingredientes; tudo isso muito bem mexidinho, temperado com as lagrimas de Cecy e de seu avô, com o amor selvatico de *Águia Vermelha* e o puro amor e as façanhas heroicas de *Terror dos bosques*, com o ciúme de *Estrella d'Alva*, as idiotices musicaes e dansantes de Procopio e as sabenças comicas do desfructavel Dr. Gibson; umas cinco duzias de machados e outras tantas flechas, 500 grammas de polvora, meia duzia de balas, um pouco de dynamite, fogo e agua á vontade, deu o resultado que se viu:—um drama de sensações, de muitas e variadissimas sensações: novas e velhas, agradaveis e desagradaveis, violentas e doces; um drama de não deixar tempo ao espectador para aborrecer-se, destrahindo-lhe os olhos com bailados, assaltos, corridas e mil diversos movimentos, deleitando e entre-tendo-lhes os ouvidos com gritos, tiros e tiradas melodramaticas, musicas selvagens e cultas, estampidos, soluços e risadas...

Tudo isso, arranjado com extrema habilidade, devia produzir bom effeito. E meliores não podiam ser as impressões que deixou nos espectadores na noute da primeira representação, no theatro D. Pedro II.

Quanto ao desempenho, devemos notar desde já que nenhum dos artistas conseguiu distinguir-se em grande relevo, nenhum se notabilizou; em compensação—e é esta uma excellente e difficil consa no theatro—o *ensemble* era muito bom, todos os papéis estavam

afinados uns pelos outros e não houve falsetes no desempenho.

Notaremos apenas que a Sra. Jacinthia foi animada de menos e a Sra. Leopoldina animada de mais.

Que esta passe para aquella o que lhe falta em vivacidade, e ainda terá vivacidade para dar, vender, e... botar fóra. Outro que tal foi o Sr. Correia. Saffa! que exaggero! Um pouco de naturalidade nunca fez mal a um artista; ouviu, Sr. Correia? Também não gostámos da caracterisação do Sr. Simões, que *Eloy, o heróe* chamou, com verdade e graça—«Rio Branco em calças pardas».

Mas esses ligeiros senões em nada alteram a impressão geral—que foi boa.

Scenarios novos e realmente bonitos; vestnarios decentes, encenação eni-dada.

O ultimo quadro, o das cachoeiras, produz completa illusão; a agua é perfeitamente simulada.

Acreditamos que a Appollonia tem agora *Rei* para muito tempo, com aclamação e contentamento dos povos. É—pelo menos—o que lhe deseja a *Semana*.

Por estar ha mais de quinze dias enferma a actriz Helena Cavalier, não foi ainda marcado o dia para a *primeira* da lenda tragica de Echegaray—*No seio da morte*. Logo que se restabeleça a distincta actriz subirá essa notavel peça á scena do Recreio Dramatico.

Segunda-feira deve subir á scena do Lucinda a excellente comedia em 3 actos, de Sardou—*Por causa de uma carta (Pattes de mouche)*.

Vae em beneficio de Furtado Coelho, o distinctissimo director da companhia. O papel de Prospero é desempenhado pelo beneficiado e o de Suzana pela gentilissima Sra. D. Lucinda Furtado Coelho.

Deu-se ante-hontem na Phenix a primeira da *Princesa das Canarias*, pela companhia Manzoni.

Deve dar-se hoje no Recreio a primeira d'*Os dois Sargentos*, conhecida o apreciada peça do repertorio do Rossi e do Brazão.

No S. Luiz a empresa Apollonia continua a preparar o *centenario* do seu *Rei dos Selvagens*.

Está em ensaios neste theatro *O Abysmo*, celebre drama de C. Dickens, traduzido pelos Srs. Arthur e Aluizio Azevelo.

No Sant'Anna continúa o successo da Estudiantina Figaro.

A *Semana* tem a honra e toma a liberdade de offerecer ao Sr. Miguel Lemos, presidente do Centro Positivista, o seguinte precioso pensamento:

«Uma religião sem sobrenatural faz-me pensar em um annuncio que li ha annos n'um jornal:—*Vinho sem ura.* »

ED. E J. DE GONCOURT.

POESIA E POETAS

ARDENTIAS

POR

VICENTE DE CARVALHO

Santos é uma cidade preta. De ruas tortuosas e estreitas, de casas velhas, com um aspecto genuinamente colonial, insalubre, pestilenta, com um eterno cheiro de maresia desprendido da salsgem que lhe atira o oceano, da vasa das marés e dos detritos que a incuria municipal não faz remover—so se comprehende que tal cidade produzi-se um poeta como o Sr. Vicente de Carvalho, todo perfumado e gentil, por ter Setubal—outra cidade feia—produzido o grande Manuel Maria, o incomparavel bardo sadino, príncipe dos poetas do seu tempo e o maior genio da poesia portugueza depois do pasmoso epico dos *Lusiadas*.

Ardentias é o titulo do bonito livro que nos enviou o Sr. Vicente de Carvalho, mancebo que cursa a faculdade de direito de S. Paulo e que nunca sabio da sua provincia, não tendo, portanto, as boas e fecundas suggestões do *meio*, porque a actual litteratura academica da Paulicéa, é de uma pobreza lastimavel e os poucos vates que por lá arriscam sonetos, andam ainda assim desgregados pelas zizánias da rivalidade, justificando o proverbio que diz: *casa onde não ha pão...*

Mas o livro do joven poeta santista é mais do que uma ridetissima promessa. Ha nelle poesias de verdadeiro merito, bem inspiradas e bem desenvolvidas; a forma é por vezes inteiramente correcta, e se não ha novidade no seu livro, tambem não ha banalidade, o que já é conseguir muito aos vinte annos.

Do fulgor d'estas ardentias mana em ondas subteis um suave perfume de alma criança, embora o poeta queira impingir-nos de quando em quando uns desesperos e um scepticismo que não sente, porque lá surge a espaoça, radiosa e toucada de flores rubras, a «sereia loira da esperanza» propria da juvenlidade que nunca descre... senão em verso, e antes caminha desassombrada e corre e salta em pós das meninas esquivas que se co-honestam com o nome candido de Musas, parando agora para apanhar a rosa que cahe do toucado elegante de uma, agora para aspirar o aroma divino e capitoso de um fio de cabelo de outra, agora para ajoelhar-se aos pés de terceira mais compassiva, que voltou com um sorriso angelico a formosa cabeça para ouvir-lhe os carnes.

Totavia, apesar das repetidas bellezas do livro, entendemos que a um poeta que tão auspiciosamente estréa, melhor é apontar os defeitos, e mais aproveita o rigor delicado que o louvor incondicional. Por isso diremos que n'este livro das *Ardentias*, como em quasi todos da mocidade actual, se nota uma indesculpavel pobreza de lingua, quando não condemnavel descuido de construcção, máo gosto e impropriedade no dizer.

Os novos poetas jogam e tratam com limitadissimo numero de palavras e não se lhes nota nenhum arrojo n'este sentido.

Com bem menos razão dizia no seu tempo o grande e facundo Francisco Manoel:

«Nós prezamos tam pouco a nossa lingua, que tam sómente as outras aprendemos, Em desar da nativa.» (1)

(1) *Da arte poetica*, Epistola.

É na mesma conceituosa obra dizia, com a sua auctoridade de mestre, que as palavras vis se deve dar valia, ennobrecendo-as com o logar onde se poem.

Mas os rapazes furtam-se á leitura dos classicos com medo de infiltrações rancidas e não ha demovel-os do pavor. D'ahi a pobresa de linguagem, que empallidece e descora tudo, quando elles querem pintar

Quanta apparencia ostenta este uni-verso,
E o que a nossa alma no seu peito encerra. (1)

Outro defeito do poeta consiste nas rimas simplesmente assoantes que elle intercalla nas consoantes. Ex.: pagina 15—voz e depois; 16—rosa e cousa; 66—broto e outro; 69—Italia e espalha; 78—entrebrio e razio; 96—floresta e restea.

Ha tambem alguns versos que lembram outros de outros poetas, impressões muito natural e desculpavel, mas urgente de evitar. Ex.:

«Teem a tristeza enorme das ruinas.»
«As desfolhadas petalas dispersas.»
«Então, para o passado os olhos alongando.»

Ha estrophes com as rimas sobre a mesma vogal, o que produz desagradavel impressão em ouvidos affeitos aos caprichos parnasianos da poesia moderna. Ex. pag. 68:

«Borbulhava-lhe aos pés a murmura
cascata,
E, mirando-se nella, escutava-a callada
A flor, como a longinqua e tremula
tonda,
Como os plangentes sons de branda se-
renata.»

Pag. 81:

«Mas se em teus olhos virginaes mergulha
Minh'alma, encontra n'elles uma pura,
Uma doce, uma vivida fagulha
—Relampago cortando a noite escura.»

Penalisa a preocupação de neve e gelo que transparece no livro do moço poeta e é de bom conselho evitar friuras em pleno fogo da mocidade.

Um grave erro de meteorologia: pag. 37: «da chuva o mar se forma.»

O poeta compadecendo-se com a verdade deve inverter os dizeres.

Para compensar, porém, estes defeitos, ha nas *Ardentias* bellas composições, como a *Folha solta*, *Adormecida*, *Ballada*, que termina com esta bellissima quadra.

E eu—extatico e tristonho—
Embebo o olhar no teu rastro...
O' tu que vens como um astro!
O' tu que vae como um sonho!

Na poesia *Segredo*, ha tambem outra estrophe digna de menção:

Debalde tentas esconder, ó louca,
O amor; debalde tentas escondel-o!
Ri-se o gelo entre as rosas de tua bocca,
Mas ardem teus olhares entre o gelo.

Agora o que não podemos deixar de reproduzir inteiro é o rico soneto *Madrugada pagan*, talvez a mais bella composição do livro. Com elle terminaremos este artigo, offerecendo no fim da desmaiada prosa uma estrella aos nossos leitores. O poeta das *Ardentias* é um bravo talento e estamos certos que não o molestarão estas ligeiras observações criticas, que fazemos com maxima sinceridade e por muito nos merecer

(1) *Obra cit.*

quem tão brilhantemente começa, o que exprime o desejo de ver o Sr. V. de Carvalho correcto igualmente que inspirado.

Ahi vae a

MADRUGADA PAGAN

A loura deusa das manhans radiosas,
Que inflora o campo e sonorisa os
ninhos,
Surge, espalhando á beira dos caminhos
Giestas em flor e petalas de rosas.

Abre Amalthéa as tétas; o thesouro
N'ellas occulto, solta-se, desfiado
Em frouxas messes estrellando o pra-
do...

—E' como um astro cada espiga d'ouro.

Ergue-se em meio do murthal virente
A voz de Pan, que se escoar parece
Em catadupa tremula e sonora:

E, como ouvindo a musica dolente,
Venus empallidece, empallidece...
E desmaia entre as purpuras da aurora!

FILINTO D'ALMEIDA.

RUY-VAZ

Scenas da Bohemia Fluminense

POR

Aluizio Azevedo

III

(Continuação)

Bloco morava em Catumbý, Ruy, Lauro e Barradas tomaram o bonde e dispuzeram-se a fazer a viagem. Barradas tirou logo da algibeira um pequeno volume de André de Rezende e poz-se a ler silenciosamente a um canto do banco; enquanto os dous outros conversavam sobre Theophilo Gautthier.

Ao chegarem á casa de Bloco, veio um criado ao portão dizer-lhes que o amo estava na rua.

— E agora? perguntou Ruy.

— Agora é entrarmos e esperar por elle.

Barradas marcou a pagina em que lia, guardou o volume no bolso e disse ao criado que abrisse a sala, trouxesse vermouth, siphon e copos.

— Que especie de vida tem este typo? interrogou a provinciano a contemplar o estranho aposento em que penetrava.

— Que especie de vida!—vida boa! explicou o Lauro, despindo o palitô e descalçando as botas. E' um rapaz rico, bastante rico e amador de bellas artes. Esses quadros que ali vês pelas paredes têm cada um a sua historia: olha! Aquelle pertenceu a Napoleão III e Bloco comprou-o quando esteve em Paris; attribuem-no a Lucas Jordano; aquelle outro é uma pochada de Jerome, ainda no tempo em que este pagava os almoços com as pochadas que fazia; aquelle alli é uma cópia immediata da cabeça do Marte de Velasquez; comprou-a no museu do Prado em Madrid; este outro é uma kermesse de David Tenier, escola flamenga, foi adquirido em Rotterdam, e agora faz *pendant* com aquelle outro quadrinho, onde vês uma mulher nua, de cabellos dourados, o qual, a julgar pelo seu colorido quente e pela largueza do desenho deve ser de Rubens ou de algum dos seus bons discipulos. Olha! aqui tens uma marinha de Bonington, que é uma verdadeira raridade, e está assignada.

— Aquillo alli o que é? perguntou Ruy, apontando para um retrato a crayon.

— Ah! Isso é a cópia de duas cousas: —de um negociante de seccos e molhados e ao mesmo tempo do genio alegre de Off.

— Como assim?

— O negociante encommendára o retrato ao Augusto Off, este, que estava apertado por dinheiro, metteu mãos á obra e só a deixou ás cinco da tarde quando a vio terminada; então largou o lapis e foi jantar. Enquanto jantava, um seu filhinho de cinco annos, depois de contemplar por longo tempo a obra do pai, entendeu que ella não estava perfeita, tomando de uma penna molhada em tinta violeta, desenhou sobre o collete do negociante aquella caprichosa corrente de relógio que alli vês!

— Calculo de que maneira não ficaria o retratista!

— Enganas-te, o Off achou graça e accrescentou á assignatura do retrato o nome do filho. E' inutil dizer que o burguez dos seccos e molhados não acceteu a obra, e Bloco, sabendo do facto essa mesma noite, offerceu por ella o duplo do valor ajustado, exigindo apenas que o Off dividisse com o pequeno o dinheiro que recebia. Depois disso ficaram muito amigos e o grande retratista offerceu a Bloco aquelle estudo de cabeça que alli vês por cima da estante.

— E isto aqui o que vem a ser? indagou Ruy observando um pequeno quadrinho que se escondia no centro de uma grande moldura doirada?

— Isso é uma lata de sardinha, respondeu o outro. Um dia o Rouede, a volta de uma das suas excursões artisticas, impressionou-se por um effeito de rochas que o surprehenheu já em caminho de casa e, como não tinha mais tella, pintou a sua impressão no fundo da lata de sardinhas que elle acabava de comer em companhia de dous amigos—eu e o Bloco.

Em seguida Lauro passou a explicar a procedencia dos outros objectos que enfeitavam caprichosamente as quatro paredes da sala:

— Aqui tens um punhal que atravessa dous patações sem se alterar, é de Ferrara e foi fabricado na idade media.

Emquanto Ruy examinava o punhal, o outro rapaz desprendia da parede uma espada e, vergando-a a ponto de unir as extremidades della, exclamou:

— Eis aqui uma legitima *hoja* de Toledo! «*del tiempo del Emperador Carlos primero de España y quinto de alemana*» como diz Bloco, quando quer deitar erudição!

E, seguindo a sua revista, Lauro foi declarando o nome das outras armas que os dous encontraram na sala:

— Eis a celebre cimitarra turca! eis a lança cosaca! eis o yatagang arabe! eis o alfange mouro! Eis aqui o afamado *casse-tête* bohemio! eis a famosa *navaja catalana*! e eis alli, para fechar a colleção das armas brancas, uma espada com que Frascuelo matou um touro de Veragua!

Ruy notou que o dono da casa não tivesse alli, ao menos, uma arma indigena.

— Estão todas lá dentro, respondeu Lauro.— Bloco reservou-as para a sala de jantar. Vae lá e verás o que ha de melhor em flechas, maças, arcs, *murucús*, *esgaravatanas*, machados de pedra e tudo que se pode desejar nesse genero!

Nisto, porém, foram interrompidos pelo dono da casa que acabava de entrar, carregado de embrulhos.

— Apresento-te... ia dizer Lauro, indicando Ruy.

— Logo mais, logo mais... respondeu Bloco, enfiando pelo interior da casa— Agora estou preoccupado; não acceto apresentações.

E ouviu-se pouco depois estalar um foguete.

— Está chamando o criado... explicou Laurio a Ruy.

— Então elle ataca foguetes dentro de casa? perguntou este.

— Não, ataca-os da janella e, quando não pode ter a janella aberta, substitue o foguete por um buscapezinho de sua invenção, que elle mesmo fabrica nas horas vagas. Se fores ao seu gabinete de trabalho has de encontrar alguns sobre a mesa.

Barradas, que até ali estivera a ler muito entretido na bibliotheca, appareceu perguntando se o criado não trouxera o vermuth.

— Está ali, disse Laurio, mostrando uma pequena mesa de charão com embutidos de madre-perola.

Os trez rapazes assentaram-se em volta da garrafa e começaram a beber; mas, no fim de meia hora de conversa, Ruy declarou que estava com somno e estendeu-se sobre um dos quatro divans que havia na sala; os outros bohemios não tardaram a imital-o, e d'ahi a pouco dormiam todos trez profundamente.

(Continúa.)

CANÇÃO DO OUTOMNO

E' outomno. Tristemente
A morte diz-nos segredos:
E o sol para os arvoredos
Sorri-se como um doente.

Ha um vago tom de sôl-posto
Na pallida côr celeste.
Choram um grande desgosto
As rajadas do nordeste ...

Frio thuribulo suspenso,
Declina o sol para o occaso,
E as nuvens... nuvens d'incenso,
Que se evolvam d'esse vaso.

Pelas ruas da cidade
Desfilam enterros lentos;
E a alma tem desalentos
D'uma infinita saudade.

Folhas secas, amarellas,
Formam nas praças esteiras:
Vão-se as tísicas donzellas
Com as aves, companheiras...

As virgens, côr das opalas,
Cruzadas as mãos nos peitos,
São levadas para as vallas
Nos seus esquifes estreitos.

Vão dormindo, vão sonhando
Com bailes, noivos e festas...
E o vento vai desfolhando
As arvores das florestas.

Os troncos, nus, esquelecticos.
Que a brisa da tarde agita,
Torcem-se como epilepticos
Em commoção infinita.

Sacode o vento as vidraças,
Bate a chuva nas calçadas;
Ha soluços de desgraças
N'algumas aguas-furtadas.

Renasce a essencia perdida
Das brancas virgens formosas,
Na circulação da vida
Em nuvens, perfume e rosas.

Que n'este frio abandono,
N'este seu loso mysterio,
A natureza no outomno
E' um berço n'um cemiterio...

E, enquanto o coveiro encerra
As mortas dentro das covas,
O lavrador lança à terra
Nas sementes vidas novas.

E o sol para os arvorelos
Sorri-se como um doente;
A morte diz-nos segredos,
Pelo outomno, tristemente.

COELHO DE CARVALHO.

BELLAS ARTES

O Sr. Antonio Parreiras expoz na excellentegaleria De Wilde, à rua Sete de Setembro, dez bonitos quadros de payzagem, todos feitos *d'après nature* e que são uma bella prova do seu talento para a soberba arte a que se dedicou.

O Sr. Parreiras é discipulo aproveitado e distincto do illustre payzagista Grimm, e os seus trabalhos revellam immediatamente a *maneira* fresca e vibrante do mestre.

São bastante detalhados os seus trechos de payzagem, os assumptos escolhidos com gosto, e nota-se uma certa minucia de detalhes, sem contudo parecer a vegetação cortada a canivete, como se observa em varios pintores detalhistas. Se não tem a liberdade, — muitas vezes desordenada até ao exagero, — dos ultra-naturalistas, possui, entretanto, uma certa segurança de pincel e criteriosa largueza de execução.

A agua é o que mais cuidado lhe merece e o artista consegue uma transparencia rara e verdadeira.

Os trabalhos que nos pareceram melhores são os intitulados—*Foz de Ica-rahya e Prémamar*.

Damos sinceramente os parabens a Grimm pelo o distincto discipulo que tem e que tanto o honra.

GAZETILHA LITTERARIA

Uma bella noticia:

Deve apparecer proximamente o primeiro fasciculo da «Divina Comedia», do Dante, traducção de Xavier Pinheiro. Esta traducção, de que já se occupou detidamente na *Gazeta de Noticias* o nosso director, é toda em tercetos rimados, acompanhada de abundantes e eruditissimas notas. Esperamos ansiosamente o apparecimento d'esta grande obra.

Recebemos assignaturas para ella.

FACTOS DIVERSOS

No dia 2 do corrente, o nosso presado e brilhante collaborador Raul Pompeia fez exame vago de direito commercial, na Faculdade do Recife, e foi approvado *com distincção*.

Parabens.

O Dr. Moreira Sampaio, o conhecido comediographo, acaba de passar pelo infortunio indizível de perder um dos seus interessantes fillinhos, victima da implacavel febre amarella. A pobre criança, que era dotada de viva intelligencia conservou-a em estado de lucidez até ao seu derradeiro instante de vida. Aos paes inconsolaveis as nossas sinceras condolencias.

Consultas

A's que nos têm sido dirigidas pelos nossos assignantes temos respondido pelo correio, com a possivel presteza, de accordo com o compromisso tomado em nosso programma.

A algumas temos deixado sem resposta por serem extravagantes, sem um fim util nem apparente seriedade.

Aos nossos assignantes que necessitarem de consultar-nos ou de nos pedir informações, rogamos novamente hajam de fazel-o em termos claros e precisos, pois sempre estaremos promptos a responder-lhas, na medida das nossas forças e habilitações.

Aquelles dos nossos assignantes que nos hajam consultado e não tenham recebido resposta às suas consultas pedimos o favor de nos escrever, reclamando, pois que este nosso correio é realmente das Arabias, e não estamos dispostos a pagar as favas... que elle comen.

TRATOS Á BOLA

Não tendo havido decifraadores exactos para os *tratos á bola* do numero ultimo, D. Pastel resolveu esperar ainda por estes dias os *valientes* que queiram os premios.

RECEBEMOS

— «ORTHOGRAPHIA, estudo *raciocinado segundo os principios modernos da sciencia*», por José Ventura Boscoli. Daremos juízo a respeito, no proximo numero:

— «MENINA FACEIRA...», tango, da «Filha do Guedes», por Francisca Gonzaga. So conhecemos um adjectivo capaz de qualificar-o; é este:—delicioso! Acreditamos que dentro em pouco será popularissimo. Merece-o.

ANTIPIRYNA—DIMETHILOXYQUINIZINA), do Dr. Vieira de Mello. No proximo numero daremos uma noticia especial d'esta complicação pharmacologica, que, entretanto, é um estudo muito honroso para o seu illustre auctor.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã às 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Portuguez, francez e Inglez
—Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

Dr. Henrique de Sá — Espec.: Syphilis e molestias das crianças. Consultorio:—rua Primeiro de Março, 22; de 1 ás 3 horas da tarde. Residencia:—rua de S. Pedro, 294.

PHARMACIA AMERICANA
DE
VICENTE S. DE VASCONCELLOS
PATROCINIO DE MURIAHÉ
(MINAS)

A SEMANA 100 RS.

TANGO DELICIOSO
COMPOSTO E OFFERECIDO
POR

ERNESTO DE SOUZA

conhecido auctor do tango *Setim*, e de outras applaudidas musicas, á redacção d'A Semana.

Vende-se no escriptorio d'esta folha a

1\$000

ALFREDO PUJOL

Lecciona Portuguez, Francez e Inglez
RECADOS A'
Rua dos Ourives n. 129 C, pharmacia
CORTE

ERNESTO PINTO COELHO

SOLICITADOR
VILLA DE PADUA

TYPOGRAPHIA

A typographia d'A Semana, ultimamente montada, dispendo de uma boa escotha de typo inteiramente novo, accita quaesquer encomendas de obras, poesias, jornaes, annuncios, etc., etc.

Preços baratissimos.

Trata-se no escriptorio da empresa.

36 TRAVESSA DO OUVIDOR 36

ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

LAEMMERT & C.

LIVRARIA UNIVERSAL

66 Rua do Ouvidor 66

Acabam de chegar e acham-se á venda em nossa casa as seguintes obras importantes de Luciano Biart:

Viagens Involuntarias e Extraordinarias

AOS NOVOS E VELHOS CONTINENTES

- I. O Engenheiro Pinson. 1 vol. de 230 paginas com muitas gravuras, 3\$000.
- II. O Segredo de José. 1 vol. de 230 paginas com muitas gravuras, 3\$000.
- III. Na fronteira Indiana, 1 vol. de 260 paginas, com muitas gravuras, 3\$000.

Do mesmo auctor, no prelo:
Lucia Avilal.

Os romances de Luciano Biart, digno emulo de Julio Verne, têm tido uma aceitação universal, e em pouco tempo esgotaram-se varias edições, tanto na lingua original como em varias traducções. Vertidos para a lingua portugueza pelo habil escriptor Alvaro de Castro, recommendam-se estes livros não só pelo engenho inventivo, como pelas lições proveitosas que encerram. Numerosas gravuras ornam estes volumes, cuja leitura é inutil recommendar, pois o publico sabe quaõ proveitosas e interessantes lições se colhem dos livros de Verne a quem Luciano Biart conseguiu igualar.

EVANGELINA

POEMA DE
H. LONGFELLOW

TRADUCÇÃO DE
AMERICO LOBO

Vende-se nas livrarias Faro & Nunes, Laemmert e Serafim José Alves e no escriptorio desta folha a

2\$000 o exemplar

JAMES E. HEWITT

PROFESSOR DA LINGUA INGLEZA

134 RUA DO ROSARIO 134



HOTEL NOVO MUNDO

SERVIÇO PROFUSO E VARIADISSIMO

Bons vinhos garantidos, salão reservado para banquetes, os quaes serão servidos conforme o preço que se ajustar.

13 RUA PRIMEIRO DE MARÇO 13

PROPRIETARIO

JOÃO DIOGO SOARES DE BRITO

HOSPEDARIA FIEL

Rua da Alfandega n. 236 e Travessa de S. Domingos n. 2

Os proprietarios deste vasto estabelecimento têm a honra de apresentar á concurrencia publica bonitos quartos mobiliados, espaçosos e muito arejados, offerecendo toda a garantia de segurança, aonde os Srs. viajantes podem pernoitar livres de risco. Todos os compartimentos com linda vista tanto para a travessa como para a rua da Alfandega.

A casa está aberta toda a noite. Preços modicos. LIMA & XAVIER

RESTAURANT VOLTAIRE

29 RUA DA URUGUAYANA 29

Almoço..... 8\$00 | Jantar..... 18\$00
SERVIÇO ASSEIADO E PROFUSO

Parcece incrível que por tão modestos preços se possa comer tão bem! Pois venha verificá-lo, quem duvidar á
29 RUA DA URUGUAYANA 29